

Amélia Coelho (1945-2005).

Nasceu na Beira Alta, viveu a maior parte da sua infância, na liberdade do calor e da lentidão do tempo, na proximidade da selva e do mar, em Moçambique e a adolescência, num colégio interno religioso em Lisboa. A transição para a vida adulta foi feita através da descoberta de referenciais próprios, políticos, religiosos, filosóficos e sociais. E, depois de uma incursão pela filosofia, a escolha da profissão de Educadora de Infância surge-lhe como uma *“experiência de real epifania”*, fundada no pensamento de que *“na infância reside o segredo de todas as coisas, que à/na infância cabe todo o destino da filosofia”*.

Fez a Escola de Maria Ulrich. Começou a trabalhar num Jardim de Infância em Chelas e depois no Externato Alvorada. Em 1972, inicia actividade na cooperativa CEFPEPE - Centro de Formação Permanente, num projecto pedagógico com que muito se identifica. Por esses anos, inicia o acompanhamento em apoio particular de uma menina com diagnóstico de autismo. Em 1976, na continuidade do trabalho da CEFPEPE, integra o Jardim-Infantil Pestalozzi como Educadora, ficando como Coordenadora da Secção Infantil a partir de 1986. Realiza o Curso de Estudos Superiores em Educação da ESE de Lisboa, sendo o seu trabalho final uma abordagem biográfica do seu percurso pessoal de formação (Entre Sombras e Fragmentos, 1996).

A riqueza com que exercia a Educação de Infância, não cabe em dados curriculares mas antes na coerência muito pessoal que imprimia ao seu dia-a-dia na escola que só palavras maiores poderão descrever - ética, estética, tempo, atenção ao outro, sensibilidade, inteligência - e que em novelo criaram o que todos descrevem como uma presença indelével.

Indelével, porque soube permanecer num laço muito vivo com a infância - a alegria das festas, de carregar pedras, de juntar coisas sem importância, de se apaixonar pelas histórias, de se esquecer do tempo, do amor à natureza, de conhecer as razões das tristezas. E também porque a consciência e o pensamento reflexivo acerca das suas próprias experiências de vida foram ferramentas para a compreensão dos meninos e da Educação.

Indelével, porque a tudo imprimia o bom gosto e a poesia, *“lançando[-se] na busca de uma ética impregnada pela estética de um viver quotidianamente construído (...)”*, considerando a estética (e o pormenor) como gesto de cuidado primordial e terreno contagiante do sensível de onde o acto educativo partia.

Indelével, sem dúvida, pelo respeito, pela disponibilidade, pela confiabilidade. Ouvir as crianças, ouvir as preocupações dos pais, era ouvi-los naquilo que têm de mais íntimo,

nas suas forças e fragilidades, e saber que, como em qualquer lugar educativo, *“só na confiança se encontram saídas para as dificuldades, [criando oportunidades] àqueles que podem amadurecer a partir de dentro de si mesmos.”*

Se o respeito pelos meninos era enorme, não era menor o respeito pelos pais. Decorrente da convicção de *“considerar o humano, o outro, e a sua circunstância como o sagrado.”* Aí vai buscar a sua capacidade de escuta, quase encantada, cheia de doçura e gravidade e em que o tempo era todo o tempo necessário para ouvir demoradamente, limpa de qualquer juízo de valor, todas as palavras, ditas e não ditas, de que tantos pais guardam uma imensa saudade.

As leituras apaixonadas foram muitas, diversos os mestres, mas muitos meninos e pais foram para ela influências transformadoras de si mesma, levando mais longe a utopia de um ofício, simultaneamente, *“tão genérico e tão específico”* onde, *“devagarinho vou aprendendo que não se ensina. Cada menino aprende, desde que lhe demos os instrumentos e o nosso olhar de encorajamento”*.

O Jardim-Infantil Pestalozzi *“foi a escola que privilegiadamente permitiu que o [seu] trabalho se confundisse com o [seu] sonho.”* Aliás, como desde logo adivinhou: *“encontrei-me pela primeira vez com a Lucinda numa notícia de jornal no final dos anos 60 [...] Aqui está alguém que pensa como eu! Aqui está a escola que eu desejo!”*

Foi sempre com este entusiasmo e alegria, *“neste ofício em que se aprende com mestres de todos os tamanhos, tendo por medida apenas dar sem medida”* que ao longo de mais de 30 anos no Pestalozzi, a Amélia fez com que o pensamento e prática pedagógicas se confundissem com o maravilhamento pelo *“crescimento dos meninos - que é das coisas mais belas de se contemplar”*.

Não partiu sem deixar numa ‘carta a todos’ uma celebração *“...ainda bem que eu não sou de um reino distante mas deste mundo maravilhoso em que tenho a felicidade de conhecer-vos a todos vós.”* (...) *“Agora, gostaria de terminar, agradecendo. Contudo, não é possível ainda encontrar em nenhum dicionário a palavra exacta que procuro para a todos poder dizer da minha gratidão. (...) Da minha gratidão sobre a bondade, a beleza, a alegria que, ao longo do tempo, têm posto na minha vida, tornando-a tão emocionante e magnífica. Da minha gratidão por, tão gratificadamente, me terem permitido cumprir uma tão honrosa tarefa do destino da minha vida adulta: TRABALHAR e AMAR.”*

Se uma boa parte da Amélia era o Jardim-Infantil Pestalozzi, acreditamos que uma boa parte do Pestalozzi foi, é, e queiramos que continue a ser, aquilo que a Amélia lhe deu e lhe legou. Legado encantado, que passará certamente pela comovente simplicidade da

conservação, em todos, crianças e adultos, desse princípio de humanidade de que *na infância cabe todo o destino da filosofia*: a beleza, o brincar, o vínculo e a dignidade.

Vamos ficar com a formulação de um seu desejo, escrito em 1996, mas sempre actual:
“Por isso, nesta altura em que difíceis e estranhos dias nos esperam, é, com alegria de quem vive em privilégio, que veemente desejo que o Pestalozzi perdure, teimosa estrela de desafio e esperança.”

Em itálico, citações e adaptações a partir de textos seus, nomeadamente, “Entre Sombras e Fragmentos - Abordagem Biográfica de um Percurso Pessoal de Formação (1996) e Carta para todos (2005).